

# CONTROLE DO COVID-19: UM MODELO BEM SUCEDIDO DE UMA PEQUENA ILHA

Não se passa um dia sem lermos sobre a pandemia do COVID-19, que em 28 de abril de 2020 já havia matado mais de 217.000 pessoas em todo o mundo. O surto começou em Wuhan, na China, onde 4.633 pessoas morreram. Mas em Taiwan, apenas seis mortes ocorreram, com 429 casos confirmados. Como a pequena ilha (36.000 km<sup>2</sup>) perto da China lidou com a pandemia? Um exame mais detalhado da crise pode dar algumas respostas.

Quando o surto de SARS se espalhou em Taiwan em 2002-03, a ilha sofreu a terceira maior mortalidade, depois de Hong Kong e China. Em resposta, implementaram-se protocolos para lidar com surtos, adotando métodos científicos usando inteligência artificial, big data, novas ferramentas/tecnologias e avaliação/acompanhamento rápidos para conter infecções originadas no exterior. Além disso, Taiwan abriga uma das maiores densidades humanas do mundo (649 pessoas / km<sup>2</sup>). Portanto, deve sempre estar alerta para enfrentar os piores cenários de desastres de saúde.

Sendo vizinhos, China e Taiwan compartilham o mesmo idioma, o Mandarim. As pessoas se movem com frequência entre os dois territórios. No início de dezembro de 2019, surgiram notícias nas mídias sociais sobre pneumonia infecciosa letal que matava pessoas em Wuhan e, imediatamente, as autoridades da saúde de Taiwan enviaram uma alerta vermelha para a comunidade da saúde. Outros países no estavam cientes de sua gravidade. Apenas em 31 de dezembro de 2019, a China alertou a OMS sobre o surto em Wuhan. Nesse instante, o CDC (Centro para o Controle de Enfermidades) de Taiwan ordenou inspeções de todos os passageiros que chegavam de Wuhan.

Desde 2013 Taiwan instalou detectores térmicos infravermelhos em todos os portos e aeroportos, e o monitoramento de passageiros para detectar febre se tornou obrigatório. Era requerido aos passageiros escanear um código QR para informar online seu histórico de viagem e sintomas, e os dados eram transferidos imediatamente para o CDC. Quando funcionários de Taiwan visitaram a China com permissão oficial no dia 12 de janeiro de 2020 para verificar fatos, não tiveram acesso para inspecionar a realidade em campo, o que levantou suspeitas. Ao seu retorno ativaram o centro de comando epidêmico no dia 20 de janeiro, instruindo a todos os hospitais de Taiwan a fazer testes rápidos e relatar suspeitas de infecções

ao CDC. A resposta rápida gerou bons resultados para identificar, rastrear, isolar e, por último, prevenir a transmissão comunitária. O primeiro caso de infecção surgiu em 21 de janeiro. Então Taiwan proibiu visitas desde Wuhan e parou todos os grupos de turistas para a China. Somente em 30 de janeiro a OMS anunciou o COVID-19 como uma emergência de saúde pública de interesse internacional, declarando pandemia global no dia 11 de março.

Uma empresa de alta tecnologia em saúde, utilizando macrodados, alertou o governo que o COVID-19 chegaria a Taiwan dentro de uma semana, este agiu rapidamente. Além disso, Taiwan integrou sua base de dados de seguros de saúde com a de imigração/alfandegas que digitaliza todos os bilhetes dos passageiros com variáveis tais como origem de voos, rotas consecutivas em duas semanas, histórico de viagens, riscos de infecção, etc. Também todos os cidadãos estão incorporados a uma base de dados de seguros de saúde acessível pelas autoridades. Telefones celulares com GPS são usados para rastrear viajantes estrangeiros, e aqueles que violam quarentenas obrigatórias são imediatamente localizados, detidos, multados e confinados novamente. Em um caso, um infrator foi multado em 33.000 USD, o qual mostra a firmeza na aplicação da lei. Todos trabalham normalmente, sem restrições ou compras nervosas. O governo fornece máscaras e desinfetantes de mãos com preços razoáveis. Continuamos com as aulas na universidade, mas seguimos um rigoroso distanciamento social.

Taiwan, sem dúvida, executou um excelente controle epidemiológico para minimizar a mortalidade por COVID-19. Mas não é reconhecido pela OMS porque Taiwan não é um membro da ONU, o que é uma questão política.

Coincidimos plenamente com o conceito expressado no editorial do passado número de *Interciência*, que as soluções científicas são fundamentais para manejar crises de saúde, não a política. A história tende a se repetir, quando vimos como a pandemia de HIV-SIDA matou mais de 36 milhões de pessoas no mundo. Quando uma doença mortal começa a matar pessoas em um lugar deve ser contida sem demora utilizando ciência, lógica e disciplina em tempo hábil. De outra forma, sofreremos com uma nova pandemia no futuro próximo.

GOVINDASAMY AGORAMOORTHY E POCHUEN SHIEH  
Tajen University, Taiwan